

As sementes da tradição no solo da Educação Matemática e antirracista

Elaine Regina Chagas Santos

São Paulo, São Paulo, Brasil

naner.regina@hotmail.com

Mestrado

Instituto Federal de São Paulo - SP

<https://orcid.org/0000-0002-4969-2197>

Semeando

Niara Ada cresceu em uma casa cheia de histórias entre o aroma do café fresquinho e o calor suave da tarde, sua avó Dandara costurava memórias em tecidos coloridos e desenhava ensinamentos em jogos de tabuleiro. Não eram apenas partidas de jogo mancala ou conversas sobre o significado das estampas dos tecidos, eram sementes plantadas em solo fértil, preparadas para germinar na alma de Niara.

Anos depois, agora adulta, ela percebe que essas memórias foram mais que simples momentos. Transformaram-se em raízes profundas, conectando-a a uma história que transcende o tempo. Movida por essa herança, Niara embarca em uma jornada para levar as lições de sua avó para além dos muros de sua casa, utilizando as tradições e ensinamentos que aprendeu como ferramentas de ensino, diálogo e transformação. Desde a infância, foi moldada pelas lições de sua avó, que despertaram nela o amor pela cultura, pelos jogos tradicionais africanos e pelos significados ocultos nas cores e formas dos tecidos a riqueza e conhecimentos dos nossos ancestrais africanos que aqui chegaram trazidos na travessia da desumanização, como contavam sua avó, uma mulher negra e guerreira, descendente de reis e rainhas do continente africano. Aqueles ensinamentos sutis, que pareciam brincadeiras e conversas despretensiosas, plantaram uma inquietude nela, sentiu que faltava algo, embora dominasse as fórmulas, teoremas, percebia que a Matemática dos livros carecia da vivacidade e do propósito que enxergava nas sementes do Awelé e as formas e cores nos tecidos africanos. Depois de passados mais de 20 anos de sua primeira graduação, Niara chegou ao mestrado como quem segue os rastros de um

caminho já iniciado por outras mãos, mas com coragem de trilhar passos próprios e novos desafios.

As sementes de ontem e a colheita de amanhã

Na casa de paredes alaranjadas, onde o aroma de café fresco se misturava ao cheiro terroso e da chuva miúda que caía naquela tarde, Niara observava o tabuleiro do mancala sobre a mesa, as sementes estavam lá aguardando pacientemente o início do jogo. Ao lado vários tecidos de cores fortes e vibrantes que estampavam vários padrões geométricos, mas Niara se encantara pelo tecido que sua avó Dandara teceu e pintou, saudosamente lembrou, que era feito de algodão, imantado em infusão de folhas e raízes, secado ao sol, depois pintado com diversas cores de tinta feita de lama, de variadas cores que ao longo do quintal eram apanhadas e transformavam em pigmentos que adornavam aquele tecido alvo inicialmente, e depois de seco era lavado no riacho que passava ao fundo da casa, se transformara agora em um belo manto, chamado bogolan onde sobre ele partidas dos jogos eram divertidamente um elo entre a pequena Niara e sua avó. O bogolan parecia uma peça viva, pulsando história em cada traço e cor ricamente adornados, é feito com lama da terra. Sua avó enquanto segurava o tecido com reverência, passou sobre seus ombros e disse: eu sou Dandara uma guerreira e descendente de reis e rainhas. Cada padrão conta uma história, cria proteção, identidade e continua originário da região do Mali, na África era mais do que um tecido, era uma conexão com a terra e com as tradições. Assim, minha pequena, cada desenho, cada pigmento, carrega mensagens codificadas, símbolos de força, fertilidade e pertencimento. Naquela tarde, algo despertou em Niara, enquanto jogava, ela movia as sementes com cuidado, lembrando-se das palavras de sua avó: “plante com intenção, colha com sabedoria”. Entre as palavras de sua avó, os movimentos no tabuleiro e os traços ricamente ornamentados nos tecidos, a lição era clara: as sementes de ontem germinariam na colheita de amanhã, mas sua responsabilidade era semear com amor e regar com cuidado.

Semear e colher: culturas, jogos e tecidos na formação de professores que ensinam matemática

Anos mais tarde, já adulta, ela percebe que esses momentos não foram meras lembranças. Converteram-se em raízes profundas, ligando-a a uma história que vai além do tempo. Niara estudara na Universidade de São Paulo (USP), o curso de Licenciatura em Matemática, entre várias pós-graduações, passaram-se vários anos. Professora de Matemática nas redes estadual e municipal de São Paulo atua há mais de 20 anos.

Certa tarde, em diálogo com uma colega de trabalho, ela perguntou a Niara se conhecia o jogo mancala, ela disse que sim, bora jogar? A colega pegou uma folha de sulfite amassou alguns papéis improvisou um tabuleiro, espantada com os olhos marejados de Niara, a colega nada entendeu e perguntou: o que houve Niara? Em prantos respondeu esse jogo minha avó me ensinou quando era pequena, nas tardes saudosas de várias férias em sua casa. A conversa prosseguiu ali elas iniciaram uma jogada e a colega lhe disse que estavam abertas inscrições para o concurso de Mancala Awelé na categoria de professores e estudantes, enquanto jogavam, Niara sentiu o simbolismo de cada semente que movia plantar em uma casa era como marcar um espaço no tempo, uma promessa de colheita futura. “No mancala, como na vida, é preciso entender o ciclo”, sua avó costumava dizer e completa seus pensamentos e memórias “nem toda semente germina na hora que queremos, mas todas carregam potencial”. No mesmo dia, buscou informações e passou o fim de semana entre recordações e sentimentos, criando um manto ou tecido bogolan, e um tabuleiro de jogo com argila, fez o mapa da África. Lembrou-se com saudade de sua infância com sua avó e rememorou as histórias e lições formadas a partir de suas recordações.

Impulsionada por esta herança, Niara inicia uma viagem para expandir os ensinamentos de sua avó além das fronteiras de sua casa, empregando as tradições e lições que recebeu como instrumentos de ensino, diálogo e transformação. Aquela semente que foi plantada germinara novamente e despertou em Niara obter novos conhecimentos que pudesse colher todos os ensinamentos e memórias deixados pelo legado de sua avó

Dandara. Passados alguns dias, o resultado do concurso saiu, fora premiada. Niara sentiu a energia daqueles que a antecederam, sentia-se parte daquela história, a matemática dos movimentos dos jogos e a precisão dos padrões no tecido pareciam conversar, nada era aleatório, tudo tinha um propósito. E divagou em seus pensamentos: o que era o tabuleiro de Awelé senão o reflexo da terra que o bogolan celebrava? O que eram as sementes senão metáforas para as escolhas que definem quem somos? Essa inquietação se aflorou principalmente devido a uma legislação que já tem mais de 20 anos e que determina a obrigatoriedade do estudo das culturas africanas e afro-brasileiras na educação básica do país, em todas as disciplinas, a lei no 10.639/03, que potencializou o combate ao racismo e a valorização da diversidade cultural que origina o povo brasileiro. Ela se lembrou dos ensinamentos de sua avó, que o bogolan não era apenas um tecido e mancala não era apenas um jogo. Niara nunca imaginou que as tardes na sala de sua avó, entre as jogadas do mancala e as histórias dos tecidos coloridos e com seus padrões geométricos, um dia seria a base de sua pesquisa acadêmica. E que anos depois, estaria envolta em estudos que o cerne de sua pesquisa entre livros e anotações, seria trabalhar com esses elementos das culturas africanas e afrodiaspóricas, tendo inicialmente o projeto da pesquisa o título de “A etnomatemática entre jogos e tecidos”, ela sentiu que havia encontrado uma missão, usar sua bagagem e herança cultural para transformar o ensino da Educação Matemática, considerando que esses elementos estão presentes no processo de desenvolvimento da própria Matemática. Historicamente, a Educação Matemática em nosso país tem sido dominada por narrativas eurocêntricas e que marginalizam ou desconsideram as valiosas contribuições de outras culturas, sobretudo as africanas. “Matemática não é só números” dizia Niara, ecoando as palavras de sua avó. É saber pensar no futuro, organizar o presente e aprender com o passado, e isso o Awelé ensina de forma única. Ao longo de sua pesquisa, Niara desenvolveu a proposta de um movimento formativo que pode ser desenvolvido tanto por professores em formação inicial quanto continuada de Matemática, que foi pensado em afro-oficinas construídas a partir de Situações Desencadeadoras de Aprendizagem (SDA) que traziam elementos das culturas africanas e afrodiaspóricas como

elementos de aprendizagem, inclusive jogos e tecidos africanos. Seu objetivo era mostrar que matemática não eram apenas números abstratos, mas que é viva e presente nas práticas culturais e nos símbolos e tradições de diversos povos.

No final do mestrado Niara apresentou sua dissertação intitulada “As sementes de ontem e a colheita de amanhã: a etnomatemática entre jogos, tecidos e histórias”. A defesa foi um sucesso, muitas pessoas que a incentivaram e a encorajaram nessa jornada estavam presentes, alegria foi completa. E muitos professores que participaram de suas afro-oficinas saíram inspirados a integrar práticas culturais em suas aulas. Naquela noite ao retornar para casa, sob o céu estrelado, como se os pontos de luz fossem sementes espalhadas pelo vasto universo, agradecida, compreendeu que as sementes plantadas por sua avó tinham germinado, e que agora era sua vez de plantar mais histórias e deixar o solo fértil para gerações futuras, era como as sementes do jogo: plantadas com intenção, carregando a promessa de futuras colheitas e sussurrou “tudo está conectado, as sementes de ontem, o solo de hoje e a colheita de amanhã”. E, naquele momento, soube que o legado de sua avó Dandara estava florescendo, não apenas em sua vida, mas em todos aqueles que aprenderam com ela a enxergar a matemática viva no mundo. Com um sorriso tranquilo, Niara apagou as luzes e deixou que as estrelas lá fora iluminassem o caminho para o que ainda estava por vir.

Começo, meio e começo

Niara entende que seus estudos unem passado e presente, mostrando que a educação ganha vida quando está enraizada na riqueza das histórias, memórias e símbolos culturais. Que aquele tabuleiro de mancala nas tardes de férias na casa avó Dandara, hoje para além de memórias afetivas, é um laboratório vivo onde raciocínio lógico e estratégia se encontram com a diversão, que trazem lições de convivência, de planejamento, o saber semear, plantar e colher, de se preocupar e ter empatia com a colheita do oponente, que são princípios das comunidades africanas. Assim, o mestrado tornou-se o terreno fértil onde Niara poderia semear tudo o que havia aprendido. Sabia que seu projeto era mais do

que uma pesquisa acadêmica, era uma missão, seu trabalho é um ciclo contínuo, logo, começo, meio e começo, ele não se finda aqui. Uma forma de honrar as sementes plantadas por sua avó e garantir que, no futuro, outros também pudessem colher conhecimento, culturas e identidade através da educação. Ela nunca esqueceu o conselho de que “nem toda semente germina na hora certa, mas cada uma tem seu papel no ciclo da vida”. Ou ainda, a certeza de que “honrar o passado é dar ao presente um propósito”. Essas palavras ecoaram no seu estudo acadêmico, em suas afro-oficinas, sobretudo em sua crença em que a educação pode e deve conectar o que somos ao que aprendemos. Espalhar novas sementes, garantir que os valores culturais que herdara se transformassem em conhecimento vivo, em pontes que ligam a matemática, a história e o coração. Terreno fértil para uma educação antirracista e decolonial.

As sementes da tradição no solo da Educação Matemática e antirracista

The seeds of tradition in the soil of Mathematics and anti-racist Education

Las semillas de la tradición en el terreno de las matemáticas y la educación antirracista

Resumo

Niara Ada narra sua jornada desde as tardes da sua infância, aprendendo com sua avó, até seu impacto como educadora e pesquisadora. Momentos esses que plantaram nela as sementes de um profundo respeito pelas culturas africanas e conexão com o passado. Adulta, Niara decide estudar como essas tradições e conhecimentos poderiam ser usados para além de cumprir a lei nº 10.639/03 serem usados para ensinar Matemática de forma criativa e culturalmente significativa, que levem a reflexão e posicionamento crítico frente ao combate ao racismo estruturado pelo sistema de privilégios no alcance de uma Educação Matemática decolonial e antirracista.

Palavras-chave: Etnomatemática. Situações Desencadeadoras de Aprendizagem. Educação antirracista. Culturas Africanas.

Abstract

Niara Ada narrates her journey from the afternoons of her childhood, learning from her grandmother, to her impact as an educator and researcher. These moments planted in her the seeds of a deep respect for African cultures and connection with the past. As an adult, Niara decides to study how these traditions and knowledge could be used in addition to complying with law No. 10.639/03 to be used to teach Mathematics in a creative and culturally significant way, which lead to reflection and critical positioning in the fight against racism structured by the system of privileges in the achievement of a decolonial and anti-racist Mathematics Education.

Keywords: Ethnomathematics. Learning Trigger Situations. Anti-racist education. African Cultures.

Resumen

Niara Ada narra su viaje desde las tardes de su infancia, aprendiendo de su abuela, hasta su impacto como educadora e investigadora. Estos momentos plantaron en ella las semillas de un profundo respeto por las culturas africanas y una conexión con el pasado. De adulta, Niara decide estudiar cómo estas tradiciones y saberes podrían ser utilizados además de cumplir con la ley N° 10.639/03 para ser utilizados en la enseñanza de la Matemática de manera creativa y culturalmente significativa, lo que la lleva a la reflexión y al posicionamiento crítico en la lucha contra el racismo estructurado por el sistema de privilegios en el logro de una Educación Matemática decolonial y antirracista.

Palabras clave: Etnomatemática. Aprendizaje de situaciones desencadenantes. Educación antirracista. Culturas africanas.